

Pensar a Palestina após Gaza

Reflecting on Palestine after Gaza

Arlene Clemesha

Universidade de São Paulo (DLO-USP)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1210-2712>

Resumo

A ofensiva israelense sobre a Faixa de Gaza e a situação de genocídio instalada nessa pequena faixa costeira tem sido interpretada de diferentes formas. Enquanto Israel e seus aliados procuram justificar a ofensiva com argumentos de “legítima defesa” e situam o início de tudo nos ataques do Hamas de 7 de outubro, outros apontam para o fato de que, bem antes do 7 de outubro, já havia muitos indícios do desejo de Israel de alterar a configuração demográfica da Palestina histórica. Nesse sentido, buscamos situar o lugar do genocídio na história da Palestina e (re)pensar a história palestina a partir da consumação do atual genocídio. Finalmente, propomos uma reflexão sobre o que Gaza pode nos dizer do futuro da Palestina e das possibilidades de convivência árabe-judaica na região.

Palavras-chave: Palestina; Limpeza étnica; Genocídio; Antissemitismo; Islamofobia.

Abstract

The Israeli offensive on the Gaza Strip and the genocidal situation that has taken place in this small coastal strip have been interpreted in different ways. While Israel and its allies seek to justify the offensive with arguments of “self-defense” and place the beginning of everything in the Hamas attacks of October 7, others point to the fact that, well before October 7, there were already many signs of Israel’s desire to change the demographic configuration of historic Palestine. In this sense, we seek to contextualize genocide in the history of Palestine and (re)think Palestinian history based on the consummation of the current genocide. Finally, we propose a reflection on what Gaza can tell us about the future of Palestine and the possibilities of Arab-Jewish coexistence in the region.

Keywords: Palestine; Ethnic cleansing; Genocide; Anti-Semitism; Islamophobia.

O mundo assiste em 2023-24 a um dos maiores assaltos militares já perpetrados sobre uma população civil indefesa e desarmada. Sob o argumento de aniquilar o

Hamas, as Forças Armadas de Israel almejam diretamente as instalações e a população civil da pequena faixa costeira. Cercado, isolado e, de fato, preso na Faixa de Gaza, o povo palestino está submetido a um bombardeio de proporções gigantescas, somado a uma longa e cada vez mais intensa política de restrição de água potável, mantimentos, medicamentos e demais itens indispensáveis à vida.

Passados 270 dias ininterruptos de bombardeios e incursões por terra, mais de 38 mil palestinos já foram mortos e 86 mil feridos¹. Destes, 70% eram crianças e mulheres, segundo o Ministério da Saúde de Gaza. Estima-se que mais de 20 mil crianças estejam perdidas, desaparecidas, detidas, soterradas sob os escombros, ou em valas comuns².

Trinta crianças já morreram da fome intencionalmente criada e imposta sobre a Faixa de Gaza como arma de guerra. Dois dias após o ataque do Hamas – que lamentavelmente matou mais de mil pessoas israelenses entre os quais muitos civis –, em 9 de outubro, o ministro da Defesa Yoav Gallant exigiu um cerco total ao enclave: “não haverá comida, não haverá combustível” afirmou o mesmo, que qualificou os palestinos de “animais humanos”. Em 17 de outubro foi o ministro da Segurança Nacional, Itamar Ben Gvir, quem afirmou que, enquanto os reféns não fossem libertados, “nem uma onça de ajuda humanitária” entraria em Gaza, apenas “centenas de toneladas de explosivos das Forças Aéreas”. No dia seguinte, foi a vez do primeiro-ministro, Benjamin Netanyahu, afirmar que “nós não permitiremos assistência humanitária na forma de alimentos e medicamentos [passar] do nosso território à Faixa de Gaza”³. Enquanto escrevo, 495 mil pessoas já enfrentam “insegurança alimentar catastrófica” na Faixa de Gaza, isto é, o mais alto grau de fome, classificada como IPC 5⁴.

Desde outubro de 2023, vimos rios de comboios de ajuda humanitária sendo detidos sob o sol escaldante do Sinai. Vimos colonos radicais impedindo a sua passagem ainda em território israelense. Vimos também a farsa do píer artificial de Biden, de R\$ 1,6 bilhão de dólares, ser varrido pelas ondas, tão previsivelmente incapaz de consolidar sua alegada função humanitária. E vimos os grotescos “massacres da farinha”, os bombardeios aéreos de pessoas aglomeradas para receber auxílio alimentar.

¹ UNITED NATIONS OFFICE FOR THE COORDINATION OF HUMANITARIAN AFFAIRS (OCHA) – Humanitarian Situation Update #182 Gaza Strip. *OCHA*, 24 de junho de 2024. Disponível em <https://www.ochaopt.org/content/humanitarian-situation-update-182-gaza-strip>

² Gaza’s Missing Children: Over 20,000 Children Estimated to Be Lost, Disappeared, Detained, Buried Under the Rubble or in Mass Graves. *Save the Children*, 24 de junho de 2024. Disponível em <https://www.savethechildren.net/news/gazas-missing-children-over-20000-children-estimated-be-lost-disappeared-detained-buried-under>

³ GORDON, Neve; HADDAD, Muna – The Road to Famine in Gaza. *The New York Review of Books*, 30 de maio de 2024. Disponível em <https://www.nybooks.com/online/2024/03/30/the-road-to-famine-in-gaza/>

⁴ INTEGRATED FOOD SECURITY PHASE CLASSIFICATION (IPC) – *Gaza Strip Report*, 2024. Disponível em <https://www.ipcinfo.org/ipcinfo-website/countries-in-focus-archive/issue-105/en/>

Cerca de 90% da infraestrutura da Faixa de Gaza foi destruída e a população não aguenta mais os deslocamentos forçados, do norte ao sul, do sudeste ao sudoeste, de volta ao centro, ao norte mais uma vez, onde impera a fome mais atroz, apenas para receber mais uma ordem de evacuação ao sul. Mais de 2 milhões de pessoas estão desalojadas e simplesmente não há lugar seguro na Faixa de Gaza. O meio ambiente está poluído por metais pesados e partículas químicas das bombas, mas também pelo esgoto a céu aberto. O ar que se respira está cheio de pó dos escombros. Doenças de pele e doenças infecciosas se alastram pelos campos.

Investigações independentes conduzem a pavorosas evidências de capturas, manutenção de pessoas em situação de degradação, violência sexual e tortura, inclusive de crianças⁵.

Os crimes de guerra estão preenchendo milhares de folhas de relatórios das agências humanitárias, relatores especiais e comissários de direitos humanos. Não conseguiríamos elencar uma fração sequer deles no espaço deste artigo.

Para vislumbrar a dimensão do mal, basta observar os seus efeitos sobre quem atua no registro e na investigação desses crimes. Nas palavras do comissário da ONU para os Direitos Humanos Chris Sidoti, “tem sido uma tarefa difícil lidar com a natureza esmagadora dos acontecimentos, não apenas as estatísticas, embora elas próprias conduzam a um sentimento de desespero, mas também as histórias pessoais”⁶. Yasmina Guerda, coordenadora humanitária da ONU em Gaza, relatou que o que ela viu e ouviu na Faixa de Gaza irá assombrá-la por todo o restante de sua existência.

A Cisjordânia, por sua vez, foi declarada como território a ser anexado definitivamente, pela atual coalizão de extrema direita que governa Israel desde janeiro de 2023 – classificado como o pior ano em termos de violência de colonos.

Escortados por forças policiais e incitados por membros extremistas do atual governo, bandos de colonos armados têm invadido casas (principalmente em locais cobijados de Jerusalém oriental) e atacado vilarejos palestinos, como ocorreu no assim chamado “pogrom de Huwara”, quando este submergiu em chamas em fevereiro de 2023. De fato, pode-se dizer que “a violência de colonos é a política do governo israelense”⁷.

⁵ Dez mil pessoas foram detidas na Faixa de Gaza, entre elas mulheres e crianças, e os relatos de abusos são frequentes da parte de quem foi libertado. Mas o que acontece na prisão secreta de Sde Teiman apenas começa a ser revelado. Veja COOK, Jonathan – The message of Israel’s torture chambers is directed at all of us, not just Palestinians. *Middle East Eye*, 24 de maio de 2024. Disponível em <https://www.middleeasteye.net/big-story/israel-torture-chambers-message-directed-us-palestinians>

⁶ COLE, Juan – UN Human Rights Commission: Israel’s is among most Criminal Armies in the World, Clear Intention of Forcible Dislocation. *Informed Comment*, 20 de junho de 2024. Disponível em <https://www.juancole.com/2024/06/commission-intention-dislocation.html>

⁷ 2023 ‘most violent year’ for Westbank settler attacks, watchdog says. *The Times of Israel*, 1 de janeiro de 2024. A mesma matéria lembra que são hoje aproximadamente 490 mil colonos (sem contar Jerusalém oriental) vivendo em meio a 3 milhões de palestinos na Cisjordânia. Veja <https://www.timesofisrael.com/2023-most-violent-year-for-west-bank-settler-attacks-watchdog-says/>

Mais de 500 palestinos foram assassinados na Cisjordânia desde 7 de outubro, além de aproximadamente 5 mil feridos, 8 mil presos, 3900 deslocados, e 650 estruturas demolidas⁸. Houve, segundo a World Health Organization (WHO), 480 ataques a ambulâncias e socorristas entre 7 de outubro e 28 de maio apenas na Cisjordânia.

Finalmente, há uma caracterização sem precedentes da natureza do morticínio, refletida nas posições adotadas pela Corte Internacional de Justiça e pelo Tribunal Penal Internacional, de que o Estado de Israel pode estar cometendo genocídio, que ele deveria ter parado sua ofensiva sobre Rafah, e que seus líderes devem ser presos por crimes de guerra e crimes contra a humanidade, juntamente com três lideranças do Hamas⁹.

Tampouco pode, o possível genocídio, ser apresentado como “direito de defesa”, pois até mesmo o direito de defesa – legitimamente evocado quando um país é atacado por um inimigo externo – deve obedecer a normas de proporcionalidade. Sendo que, no caso do ataque do Hamas, ele não partiu de um território vizinho, mas de dentro dos territórios ocupados militarmente e ilegalmente por Israel. Foi a China, em sessão da Corte Internacional de Justiça que julgava a ocupação israelense, em fevereiro de 2024, quem lembrou o mundo que o legítimo direito à resistência contra uma ocupação militar está solidamente ancorado na lei internacional.

De fato, a situação desesperadora do povo palestino não foi produzida da noite para o dia, como quer crer o mantra lançado pelos meios de comunicação, de que o ponto de partida para abordar a desgraça de hoje é estritamente o 7 de outubro de 2023.

Em 2009, o antigo relator especial da ONU para os Direitos Humanos Richard Falk já descrevia a situação em Gaza como um “prelúdio ao genocídio”¹⁰. Esquece-se com muita facilidade que a tragédia palestina começou há, pelo menos, 76 anos e que, entre 2008 e 6 de outubro de 2023, Israel cometeu 6936 assassinatos e feriu 158 mil pessoas na Faixa de Gaza¹¹.

As declarações racistas e a incitação ao ódio contra os palestinos por parte das mais altas lideranças israelenses não são privilégio do governo de extrema direita

⁸ Israel kills more than 500 Palestinians in the West Bank since October 7. *Al Jazeera*, 16 de maio de 2024. Disponível em <https://www.aljazeera.com/news/2024/5/16/israel-kills-more-than-500-palestinians-in-the-west-bank-since-october-7>

⁹ A definição normativa do crime de genocídio foi estipulada pela Convenção das Nações Unidas para a Prevenção e a Repressão ao Crime de Genocídio (1948, em vigor desde 1952), e foi com base nela que a Corte Internacional de Justiça emitiu o parecer de 26 de janeiro de 2024 sobre a plausibilidade de que um genocídio esteja em curso na Faixa de Gaza, bem como medidas provisionais para impedir sua consumação, todas elas ignoradas por Israel.

¹⁰ MANTOVANI, Maren – O Brasil e o genocídio na Faixa de Gaza. *A Terra é Redonda*, 29 de junho de 2024. Disponível em <https://aterraeredonda.com.br/o-brasil-e-o-genocidio-na-faixa-de-gaza/>

¹¹ United Nations Office for the Coordination of Humanitarian Affairs (OCHA) – *Data on Casualties* [Database]. [Acesso em 10 jul. 2024]. Disponível em <https://www.ochaopt.org/data/casualties>

liderado por Netanyahu. Pelo contrário, possuem uma longa história entre as lideranças políticas israelenses. Em 1983, o ministro Rafael Eitan descreveu os palestinos como “baratas drogadas dentro de um jarro”. Ehud Barak, enquanto era primeiro-ministro, chamou os palestinos de “crocodilos”. Na mesma época, o ministro do Turismo, Rehavam Zeevi, defendia a expulsão de todos os palestinos dos territórios ocupados. Uma das principais lideranças religiosas e ex-líder espiritual do partido Shas de Israel, Rabino Ovadia Yosef (falecido em 2013), já havia chamado pelo aniquilamento dos árabes, que seriam, na sua versão, “perversos e amaldiçoados”. Yosef pregava que era “proibido ter piedade para com eles [árabes], devemos enviar mísseis e aniquilá-los”¹².

Em 2017, quando ainda era membro do Parlamento, o atual ministro das Finanças de Israel, Bezalel Smotrich, publicou um “plano de subjugação” que apelava à anexação de todos os territórios “disputados”, expulsando todos os árabes que não aceitassem a sua posição subordinada e eliminando qualquer um que resistisse¹³.

Assim, todas as situações hoje sob o escrutínio das agências de direitos humanos e cortes internacionais – desde o massacre indiscriminado, ataques a pessoas em busca de alimento, bombardeio proposital de residências, até as torturas, valas comuns, e as próprias declarações de intenções genocidas por parte das lideranças israelenses, para não mencionar os grotescos vídeos postados no TikTok e demais mídias sociais de soldados e civis israelenses zombando dos palestinos enquanto grassa o genocídio, fazendo chacota de sua fome, da destruição de seus lares, de suas vestimentas encontradas entre os escombros, enfim – evidenciam e são o reflexo de um longo processo de desumanização do palestino e nos obrigam a não apenas contextualizar, mas revisitar o significado da Nakba¹⁴ na história palestina para compreender como chegamos até aqui.

O povo palestino resiste há um século à sua desumanização, desenraizamento e expropriação. Rejeita a implantação do colonialismo em suas terras, e repete, também há cem anos, que jamais teve problema com o povo judeu, com quem conviveu em paz ao longo dos tempos. Diferentemente da Europa, cuja história de perseguição aos judeus culminou no Holocausto, e, em seguida, no apoio à criação do Estado de Israel como forma de expiar a culpabilidade europeia pelo crime contra a humani-

¹² Arab-American Anti-Discrimination Committee (ADC) – Racist Incitement by Israeli Leaders Must End. *ADC*, 3 de junho de 2003. Disponível em <https://adc.org/racist-incitement-by-israeli-leaders-must-end/>

¹³ OFIR, Jonathan – Israeli rightist Smotrich lays out the vision for apartheid. *Mondoweiss*, 14 de setembro de 2017. Disponível em <https://mondoweiss.net/2017/09/rightist-smotrich-apartheid/>

¹⁴ O termo, cunhado por Constantine Zurayk em 1948 para designar a catástrofe representada pela expulsão de 750.000 palestinos e a morte de 15.000 em 1947-48, traz a conotação de um evento brusco, disruptivo e causador de profunda miséria humana.

dade representado pela morte de 6 milhões de judeus nos campos de concentração e extermínio nazistas. Depois de consumado o genocídio judeu, em 1947 a Palestina foi cindida por determinação da ONU – sem consultar nem dar voz aos palestinos – e transformada em palco de uma nova limpeza étnica e um massacre colonial.

Para Ilan Pappé, o “aspecto mais imoral” da resolução UNGA 181 era que ela não previa qualquer mecanismo para impedir a limpeza étnica da Palestina. O movimento sionista já declarava abertamente nos anos 1930 o seu desejo de desarabizar a Palestina¹⁵, sendo que o primeiro plano de partilha, o Plano Peel, lançado pela Grã-Bretanha em 1937, previa a “transferência populacional” e foi recebido com revolta pelos palestinos. Com efeito, é muito improvável que os países que votaram a favor do Plano de Partilha, em 29 de novembro de 1947, não soubessem que ele provocaria grandes movimentações populacionais. Pode-se dizer, como faz Ilan Pappé, que esses países “contribuíram diretamente para o crime que estava prestes a ocorrer”¹⁶.

Os ataques a vilarejos e centros urbanos começaram na forma de assim denominadas “operações retaliatórias” lançadas pelas milícias Haganá, Irgun e Lehi (mais conhecido como o Bando Stern), logo no início de dezembro de 1947, na sequência aos atos de vandalismo de palestinos contra ônibus e mercados ocorridos durante os protestos contra a partilha de seu território. Não obstante esporádicos, os primeiros ataques, ocorridos entre dezembro de 1947 e início de março de 1948, levaram ao êxodo de quase 75 mil palestinos¹⁷. Dentre as primeiras operações estava aquela lançada pelo Irgun contra o vilarejo de Khisas, ao norte do lago Hula, em 18 de dezembro de 1947, atacada no meio da noite com dinamite e explosivos. O Irgun matou 15 aldeões e expulsou o restante para além da fronteira mais próxima, com a Síria.

Mas o marco inicial da limpeza étnica da Palestina, para Ilan Pappé, ficou a cargo da ação da Haganá em Wadi Rushmiyya, bairro árabe de Haifa, também em dezembro de 1947. Haifa era uma cidade mista com 75 mil habitantes árabes e igual número de judeus. Na manhã seguinte à partilha, a população árabe da cidade foi submetida a uma campanha de terror promovida pelo Irgun e pela Haganá. Os ataques empregavam bombas, barris de pólvora e a explosão das casas para que a população não tivesse para onde retornar. Foram vários episódios que levaram a população palestina a abandonar a cidade, até que, em abril de 1948, sobrassem apenas 4 mil palestinos em Haifa.

Haifa viu também o estabelecimento do primeiro gueto palestino em Israel, mencionado por Tom Segev em seu livro *1949, The First Israelis*¹⁸. Pappé destaca que

¹⁵ MASALHA, Nur – *Expulsion of the Palestinians: the concept of “transfer” in Zionist political thought, 1882-1948*. Washington, DC: Institute for Palestine Studies, 1992.

¹⁶ PAPPÉ, Ilan – *The Ethnic Cleansing of Palestine*. Oxford: Oneworld, 2007, p. 35.

¹⁷ O número é apresentado por Ilan Pappé (*Op. Cit.*, p. 40) e refere-se aos que foram afetados pelos ataques iniciais de dezembro a janeiro de 1948.

¹⁸ SEGEV, Tom – *1949, The First Israelis*. Nova Iorque: The Free Press, 1986, pp. 53 e 56.

as versões tanto dos historiadores israelenses tradicionais quanto aquela do revisionista Benny Morris estavam muito longe da verdade ao retratar o caso de Haifa como um exemplo de boa vontade sionista para com a população palestina local¹⁹.

Na análise de Pappé, em fevereiro de 1948, já se constatava uma transição das “operações de retaliação” para operações de expulsão coercitiva. Além de vilarejos esvaziados, às vezes vários por dia (Pappé faz menção a uma ação nesse momento que esvaziou cinco vilarejos no mesmo dia), bairros inteiros das porções árabes de Jerusalém, Jaffa, além da já mencionada Haifa, foram esvaziados nos três primeiros meses de 1948, antes do início da guerra árabe-israelense propriamente dita, em 15 de maio.

Com efeito, a posta em ação do Plano Dalet (o plano de guerra sionista) em 10 de março de 1948²⁰ representou um divisor de águas. Ilan Pappé demonstra em sua obra seminal, *A Limpeza Étnica da Palestina*, que foi com base no mapeamento secreto da Palestina, empreendido pelo Fundo Nacional Judeu, e a formação dos “arquivos dos vilarejos” que o Plano Dalet traçou as regiões que o movimento sionista deveria conquistar para além das fronteiras designadas pelo plano de partilha da ONU. Designou também o destino de um milhão de habitantes palestinos desses territórios²¹ e determinou os métodos a serem empregados para expulsá-los. Segundo Pappé, cercar e bombardear vilarejos e núcleos populacionais; atear fogo às casas, propriedades e bens; expulsar os moradores; demolir as casas; e, finalmente, plantar minas nos destroços para impedir o retorno dos moradores expulsos. Cada unidade paramilitar recebeu uma relação específica de vilarejos e bairros que seriam seu alvo.

O Plano Dalet foi a quarta e última versão de planos anteriores que tinham descrito apenas vagamente como a liderança sionista pretendia lidar com a presença de tantos palestinos na terra que o movimento nacional judeu reivindicava. Nas palavras de Pappé, “o quarto e último traçado dizia clara e inconfundivelmente: os palestinos têm de sair”.

Ilan Pappé conclui também que, não obstante a muito citada ausência de uma ordem explícita de Ben Gurion para a realização da limpeza étnica da Palestina, sendo entregue de cima para baixo aos comandantes de brigadas – argumento

¹⁹ Cf. PAPPÉ, Ilan – *The Ethnic Cleansing...*, *Op. Cit.*, p. 58.

²⁰ A periodização surgida dentre os “novos historiadores” facilita a compreensão do impacto que o Plano Dalet teria sobre a guerra. Essa periodização faz distinção entre três períodos: os meses iniciais, de dezembro de 1947 a março de 1948, quando os ataques e contra-ataques foram mais esporádicos; os meses de março a maio de 1948, quando foi colocado em execução o Plano Dalet e os ataques aos vilarejos e centros urbanos tornaram-se não apenas sistemáticos mas operacionalmente guiados por instruções claras para cada batalhão referente a que região cairia sob seu comando e os métodos a serem empregados para executar a limpeza étnica; e os meses de guerra árabe-israelense de maio de 1948 ao final desse ano e os armistícios do início de 1949.

²¹ Cf. PAPPÉ, Ilan – The 1948 ethnic cleansing of Palestine. *Journal of Palestine Studies*, 36:1 (2006), pp. 6-7.

empregado por Benny Morris, entre outros, para eliminar a hipótese da intencionalidade por trás da expulsão –, os documentos dos arquivos das FDI

“mostram claramente que ... o Plano Dalet foi entregue aos comandantes de brigada não como uma diretriz vaga, mas como um conjunto de ordens operacionais de ação, claras e diretas”²².

Para Walid Khalidi, o objetivo do plano foi tanto quebrar a resistência palestina, como criar um fato consumado que nem a ONU, nem os Estados Unidos, nem os países árabes, conseguiriam reverter. Isso explica, segundo Khalidi, a velocidade e a virulência dos ataques aos centros populacionais árabes²³.

Era crucial, para Ben Gurion, acelerar a operação depois que os Estados Unidos sinalizaram que poderiam retirar seu apoio ao plano de partilha. Em fevereiro de 1948, dada a violência do conflito e a ideia de que o *yichuv* talvez não fosse capaz de instaurar e defender um estado judeu, o Departamento de Estado norte-americano reconsiderou o seu apoio à partilha e, em 12 de março, apresentou uma nova proposta para a ONU, sugerindo a instauração de uma tutela internacional de cinco anos sobre a Palestina, para que ambas as partes chegassem a uma nova fórmula que suplantasse a desastrosa partilha. Os membros da ONU, reunidos na antiga sede de Flushing Meadows, Nova Iorque, gostaram da ideia, mas se ela não avançou foi em boa medida devido a pressões do lobby sionista sobre o Presidente Harry Truman. Como bem lembra Adel Manna,

Nesse momento crítico, a União Soviética optou por declarar seu firme apoio a favor da resolução de partilha e estabelecimento imediato de um estado judeu. Ela ofereceu não apenas apoio político para o lado sionista, mas garantiu o fornecimento de armas pela Tchecoslováquia.²⁴

Na medida em que o plano militar era executado, dezenas de milhares de palestinos foram forçados a marchar, levando apenas as roupas do corpo, formando rios de refugiados que inundaram os países árabes fronteiriços, na esperança de em breve retornar.

Manna argumenta, inclusive, que a população palestina da Galileia era ciente de sua completa falta de preparo e de condições para se defender do desafio colocado pelo ataque das milícias sionistas. Manna ressalta que o termo que se passou a empregar para dizer que um vilarejo tinha sido atacado e derrotado era que o vilarejo “caiu”. Os palestinos da Galileia rejeitavam a ideia de que tivessem lutado uma guerra para

²² PAPPÉ, Ilan – The 1948 ethnic cleansing..., *Op. Cit.*, p. 16.

²³ KHALIDI, Walid – Palestine and Palestine Studies: One Century after World War I and the Balfour Declaration. *Journal of Palestine Studies*, 44:1 (out. 2014), p. 139.

²⁴ MANNA, Adel – Al-nakba and its many meanings in 1948. In *Nakba and Survival: The story of Palestinians Who Remained in Haifa and Galilee*. Oakland: University of California Press, 2022, p. 36.

a qual sequer estavam preparados; diziam que a aldeia ou o país “caiu” feito fruta madura do pé.

O romance de Elias Khoury, *Bab al-Shams* (Porta do Sol), está centrado sobre a Galileia e retrata esse sentimento quando Yunis, de seu leito no hospital, diz que “por Deus, não foi uma guerra, foi como um sonho”:

Filho, não acredite que os judeus venceram a guerra de '48. Nós não lutamos em '48, nós não sabíamos. Eles venceram porque nós não lutamos. Eles também não lutaram: simplesmente venceram, foi como um sonho.²⁵

Israel foi criado em 78% do território da Palestina histórica, e não nos 52% designados pela ONU. Nessa porção majoritária do território da Palestina histórica, permaneceram apenas cerca de 150 mil palestinos. A Faixa de Gaza recebeu 200 mil refugiados, cujos descendentes representam 70% da população atual. Outros 550 mil palestinos fugiram principalmente para a Cisjordânia, Jordânia, Síria e Líbano.

O importante autor e defensor do direito de retorno, Salman Abu Sitta, foi expulso com sua família de Beer Sheba aos dez anos de idade. Refugiou-se em Gaza e depois foi para Londres, onde se formou engenheiro civil. Abu Sitta mapeou os 530 vilarejos palestinos esvaziados, destruídos e eliminados pelas invasões das milícias sionistas e do exército de Israel, de finais de 1947 até os armistícios de 1949, e demonstrou que é falso o argumento de que não há espaço para o retorno dos refugiados palestinos às suas terras e cidades de origem.

O percurso dos estudos historiográficos, e as pesquisas em acervos militares e civis israelenses na década de 1980, enterraram as velhas narrativas sionistas relativas a um suposto “êxodo voluntário” dos palestinos. Na virada do século XXI, novas descobertas documentais do período do Mandato Britânico colocaram em xeque, inclusive, a versão de que a expulsão dos palestinos (agora amplamente aceita como fato histórico) existiu, mas foi consequência da guerra. Ou que ela foi um objetivo sistematicamente perseguido durante a guerra e no contexto de uma guerra. A nova interpretação diz que a guerra foi iniciada no dia seguinte à aprovação da partilha da Palestina pela ONU para realizar um plano que previa a sua desocupação para a criação de um estado étnico e majoritariamente judeu. O paradigma da guerra (como sendo a causa da expulsão dos palestinos) foi substituído pelo paradigma da limpeza étnica. Com ele, passou-se a entender que a guerra de 1948 foi empreendida para executar a limpeza étnica da Palestina e que o Plano Dalet era efetivamente um plano para a limpeza étnica da Palestina. Plano este colocado em ação em 10 de março, dois meses antes do início da primeira guerra árabe-israelense em 15 de maio de 1948.

²⁵ *Apud* MANNA, Adel – Al-nakba..., *Op. Cit.* p. 43.

Mais recentemente, os estudos da área passaram a empregar o termo “Nakba contínua” para referir-se ao fato de que o processo de expulsão, que teve seu auge em 1948, continua até os dias de hoje. A limpeza étnica do Naqab (Negev) foi realizada principalmente de 1948 a 1952. Em 1967, outros 350 mil palestinos foram deslocados da Cisjordânia. Fora dos períodos de guerra, o deslocamento forçado ocorre por outros meios, seja através de leis e dispositivos discriminatórios, pela invasão e roubo de casas palestinas por colonos radicais, ou novas ordenações da “Administração civil” israelense que controla a Cisjordânia (de fato um governo militar sobre a mesma) relativas às autorizações de utilização de terras. Há cerca de duas décadas, os beduínos do Vale do Jordão são atacados e reiteradamente expulsos de suas terras. A “questão beduína” representa um dos recentes pontos focais da política de limpeza étnica e expansão territorial israelense na Cisjordânia.

Enquanto muitos expressaram a ideia de que a expulsão dos palestinos não terminou junto com a guerra em 1949, mas continuou em escala menor e menos intensa, Elias Khoury foi provavelmente o primeiro a elaborar o seu caráter contínuo²⁶.

Ex-combatente da liberdade, ou *fida'i* em árabe, ferido ao redor dos 20 anos de idade, o romancista libanês Elias Khoury trocou o rifle pela caneta, e passou a coletar os fragmentos de histórias palestinas e a tecer narrativas que registram o longo, ininterrupto sofrimento e resiliência desse povo. A questão central, para Khoury, era que a Nakba seria, essencialmente, um evento contínuo. Ela não terminou em 1949, nem foi repetida em 1967, porque, de fato, a Nakba seria o próprio fio condutor de uma história em execução.

O pensamento nacionalista árabe sob a influência de Constantine Zurayk – o historiador sírio que cunhou o termo “al-Nakba” e o empregou como título de seu livro de 1948 – interpretou a Nakba como um evento do passado e foi assim induzido a erros em momentos cruciais de sua história.

O primeiro desses exemplos seria a estratégia nacionalista árabe de Gamal Abdel Nasser, que consistiu em aceitar as fronteiras de 1949 como uma realidade estanque que poderia ser futuramente resolvida pela via das armas. Não apenas esse dia nunca chegou, como a derrota de 1967, interpretada “com as ferramentas do passado”²⁷, foi vista como uma espécie de repetição do desastre. O segundo exemplo seria o processo de Oslo. Nesse caso, “a rendição palestina pressupunha que a Nakba estivesse no passado”²⁸. Não sendo um evento do passado, mas sim um processo contínuo, Oslo tornou-se uma rendição e uma armadilha mortal para a liderança palestina.

²⁶ KHOURY, Elias – Rethinking the Nakba. *Critical Inquiry*, 38:2 (2012), p. 262.

²⁷ KHOURY, Elias – Rethinking..., *Op. Cit.*, p. 256.

²⁸ *Idem*, p. 265.

A partir dos anos 2000, da falência dos Acordos de Oslo e a Segunda Intifada, vimos crescer, no campo da ascendente direita e extrema direita sionista, a tendência a se admitir com impressionante facilidade que a Nakba foi intencional²⁹, mas que lamentavelmente ela foi incompleta em 1948. Passou-se a vislumbrar a possibilidade de que novas levas massivas de palestinos fossem expulsos da Cisjordânia, de Jerusalém, ou de Israel propriamente dita. Ou seja, trata-se de uma elaboração discursiva a favor da continuidade da limpeza étnica da Palestina. Pode-se dizer, como faz Elias Khoury, que esta seria uma “nova história sionista israelense”. Para ela, “as atrocidades de 1948 são lidas numa chave teológica que justifica a limpeza étnica como uma necessidade para evitar uma nova *Shoah*”³⁰.

O mesmo arcabouço argumentativo – de instrumentalização do antissemitismo e da memória do Holocausto – é empregado hoje para justificar o pior momento do longo processo de eliminação do palestino de suas terras. As assertivas de que seria necessário “eliminar o Hamas para prevenir um novo holocausto” foram empregadas, inclusive, para justificar que o governo israelense fizesse pouco caso dos reféns, em prol do alegado objetivo de defesa³¹. Em última instância, a instrumentalização da memória do Holocausto para justificar o que se reconhece como um novo genocídio corre o sério risco, segundo Enzo Traverso, de prejudicar essa memória³².

Não devemos em absoluto ignorar que o antissemitismo jamais deixou de existir. Ele continua a existir na retórica de certos grupos neonazistas e neofascistas, com consequências nefastas e violentas, ou mesmo em expressões populares. Mas os grandes partidos da extrema direita em ascensão, como o Rassemblement National de Marine Le Pen, entre outros, adequaram a velha retórica antisemita, substituindo-a por um racismo voltado contra muçulmanos e árabes, combinado com um apoio total ao Estado de Israel. Os velhos mitos antisemitas foram readequados e dirigidos agora aos árabes. Proliferaram as teorias conspiratórias sobre uma suposta tomada da Europa e subversão da sua cultura por imigrantes árabes e muçulmanos – ideias estas articuladas em alguns livros, notadamente *Soumission*, de Michel Houellebecq, publicado em 2015. Mas isso não significa a substituição pura e simples do antissemitismo pela

²⁹ SHLAIM, Avi – The Debate about 1948. *International Journal of Middle East Studies*, 27:3 (1995), p. 292.

³⁰ KHOURY, Elias – Rethinking..., *Op. Cit.*, p. 264.

³¹ DETTMER, Jamie – How the Holocaust Shapes Israel’s War in Gaza. *Politico*, 2 de fevereiro de 2024. Disponível em <https://www.politico.eu/article/how-the-holocaust-shapes-israels-war-in-gaza/>

³² TRAVERSO, Enzo – On islamophobia and antisemitism. *Verso blog*, 16 de agosto de 2016. Disponível em <https://www.versobooks.com/blogs/news/2805-enzo-traverso-on-islamophobia-and-antisemitism>

islamofobia. As duas vertentes de pensamento racista coexistem na Europa, principalmente desde as décadas de descolonização.

Tampouco devemos ignorar que a indignação de pessoas comuns ao redor do mundo em relação ao chocante morticínio da população palestina corre o risco de transbordar em expressões de preconceito e raiva contra judeus, na medida, principalmente, em que o Estado de Israel se arroga a posição de representante mundial dos judeus. Posição esta rejeitada por mais de 17% dos judeus norte-americanos, que em 2019-20 já diziam que o Estado de Israel não era importante para a sua identidade judaica. Outros 37% diziam que era importante, mas “não essencial”³³, sendo que, desde outubro de 2023, cresce esse distanciamento. Ao mesmo tempo, reconhecer a existência nociva do antissemitismo e o fato da oposição às políticas israelenses poder, em certos casos, transbordar para um ilegítimo e infundado sentimento antijudeu, não significa aceitar a retórica do “novo antissemitismo” defendida pelo International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA), que classifica toda crítica ao Estado de Israel, seu governo, suas políticas, como uma nova forma de antissemitismo³⁴.

Assim, feitas as necessárias considerações, gostaria de chamar atenção para o fato de que falar sobre uma suposta “volta do antissemitismo” tornou-se a melhor maneira de não falar do genocídio palestino. A questão em foco não é o antissemitismo, que deve ser reconhecido e combatido, mas aquilo que o discurso do antissemitismo tenta ocultar e até mesmo justificar. Fazendo coro ao alerta de Traverso, “se uma guerra genocida é lançada em nome da ‘luta contra o antissemitismo’, são os nossos valores éticos e normas políticas que saem manchadas: os pressupostos da nossa consciência moral – a distinção entre opressor e oprimido, perpetradores e vítimas – correm o risco de serem virados de ponta-cabeça”³⁵.

Após Gaza, o significado da Nakba na história palestina ganhou uma nova conotação. Saem fortalecidas as pesquisas de Ilan Pappé, bem como de Nur Masalha, que demonstram a preparação da limpeza étnica de 1948, chegando à conclusão (Pappé) que a da guerra de 1947-49 foi o meio encontrado para realizá-la. Bem como a visão de Elias Khoury, que enxergou e articulou o caráter contínuo da Nakba. Mas, mais do que isso, Gaza instaura o paradigma do genocídio na história da Palestina, que ultrapassa aquele da limpeza étnica. Gaza, assim, não é a culminação, nem o fim de um processo, e muito menos a exceção ao processo. Desde os escritos de Tareq Baconi nos anos 2010, entendemos que Gaza aponta a direção da história palestina.

³³ NORTEY, Justin – U.S. Jews have widely differing views on Israel. *Pew Research Center*, 21 de maio de 2021. Disponível em <https://www.pewresearch.org/short-reads/2021/05/21/u-s-jews-have-widely-differing-views-on-israel/>

³⁴ GORDON, Neve – Antisemitism and Zionism: The Internal Operations of the IHRA Definition. *Middle East Critique*, 22 de março de 2024. DOI: 10.1080/19436149.2024.2330821

³⁵ Veja TRAVERSO, Enzo – *Gaza Faces History*. Nova Iorque: Other Press, 2023.

Não será fácil voltar a pensar em soluções em prol da convivência pacífica na região a partir do genocídio que hoje se vive na Faixa de Gaza e que deixará sua marca irreparável por gerações. Sugiro olhar primeiro para o passado para entender, honestamente, como chegamos até aqui, para onde aponta o curso da história e qual o tamanho do desafio pela frente. A grande diferença entre a resistência argelina que livrou seu país de mais de cem anos de colonialismo francês e a resistência palestina (hoje liderada pelo Hamas, gostemos ou não) é que o israelense não tem para onde regressar. Isso nos obriga a pensar e apelar por soluções conjuntas e em prol da convivência. Mas elas só poderão surtir efeito ali onde houver um reconhecimento profundo do sentido da Nakba e das injustiças historicamente perpetradas contra os palestinos.

Bibliografia

2023 'most violent year' for Westbank settler attacks, watchdog says. *The Times of Israel*, 1 de janeiro de 2024. Disponível em <https://www.timesofisrael.com/2023-most-violent-year-for-west-bank-settler-attacks-watchdog-says/>

ARAB-AMERICAN ANTI-DISCRIMINATION COMMITTEE (ADC) – Racist Incitement by Israeli Leaders Must End. *ADC*, 3 de junho de 2003. Disponível em <https://adc.org/racist-incitement-by-israeli-leaders-must-end/>

COLE, Juan – UN Human Rights Commission: Israel's is among most Criminal Armies in the World, Clear Intention of Forcible Dislocation. *Informed Comment*, 20 de junho de 2024. Disponível em <https://www.juancole.com/2024/06/commission-intention-dislocation.html>

COOK, Jonathan – The message of Israel's torture chambers is directed at all of us, not just Palestinians. *Middle East Eye*, 24 de maio de 2024. Disponível em <https://www.middleeasteye.net/big-story/israel-torture-chambers-message-directed-us-palestinians>

DETTMER, Jamie – How the Holocaust Shapes Israel's War in Gaza. *Politico*, 2 de fevereiro de 2024. Disponível em <https://www.politico.eu/article/how-the-holocaust-shapes-israels-war-in-gaza/>

GAZA'S Missing Children: Over 20,000 Children Estimated to Be Lost, Disappeared, Detained, Buried Under the Rubble or in Mass Graves. *Save the Children*, 24 de junho de 2024. Disponível em <https://www.savethechildren.net/news/gazas-missing-children-over-20000-children-estimated-be-lost-disappeared-detained-buried-under>

GORDON, Neve – Antisemitism and Zionism: The Internal Operations of the IHRA Definition. *Middle East Critique*, 22 de março de 2024. DOI: 10.1080/19436149.2024.2330821

GORDON, Neve; HADDAD, Muna – The Road to Famine in Gaza. *The New York Review of Books*, 30 de maio de 2024. Disponível em <https://www.nybooks.com/online/2024/03/30/the-road-to-famine-in-gaza/>

INTEGRATED FOOD SECURITY PHASE CLASSIFICATION (IPC) – *Gaza Strip Report*, 2024. Disponível em <https://www.ipcinfo.org/ipcinfo-website/countries-in-focus-archive/issue-105/en/>

ISRAEL kills more than 500 Palestinians in the West Bank since October 7. *Al Jazeera*, 16 de maio de 2024. Disponível em <https://www.aljazeera.com/news/2024/5/16/israel-kills-more-than-500-palestinians-in-the-west-bank-since-october-7>

KHALIDI, Walid – Palestine and Palestine Studies: One Century after World War I and the Balfour Declaration. *Journal of Palestine Studies*, 44:1 (out. 2014), pp. 137-147.

KHOURY, Elias – Rethinking the Nakba. *Critical Inquiry*, 38:2 (2012), pp. 250-266.

MANNA, Adel – Al-nakba and its many meanings in 1948. In *Nakba and Survival: The story of Palestinians Who Remained in Haifa and Galilee*. Oakland: University of California Press, 2022, pp. 25-59.

MANTOVANI, Maren – O Brasil e o genocídio na Faixa de Gaza. *A Terra é Redonda*, 29 de junho de 2024. Disponível em <https://aterraeredonda.com.br/o-brasil-e-o-genocidio-na-faixa-de-gaza/>

MASALHA, Nur – *Expulsion of the Palestinians: the concept of “transfer” in Zionist political thought, 1882-1948*. Washington, DC: Institute for Palestine Studies, 1992.

NORTEY, Justin – U.S. Jews have widely differing views on Israel. *Pew Research Center*, 21 de maio de 2021. Disponível em <https://www.pewresearch.org/short-reads/2021/05/21/u-s-jews-have-widely-differing-views-on-israel/>

OFIR, Jonathan – Israeli rightist Smotrich lays out the vision for apartheid. *Mondoweiss*, 14 de setembro de 2017. Disponível em <https://mondoweiss.net/2017/09/rightist-smotrich-apartheid/>

PAPPÉ, Ilan – The 1948 ethnic cleansing of Palestine. *Journal of Palestine Studies*, 36:1 (2006), pp. 6-20.

PAPPÉ, Ilan – *The Ethnic Cleansing of Palestine*. Oxford: Oneworld, 2007.

SEGEV, Tom – *1949, The First Israelis*. Nova Iorque: The Free Press, 1986.

SHLAIM, Avi – The Debate about 1948. *International Journal of Middle East Studies*, 27:3 (1995), pp. 287-304.

TRAVERSO, Enzo – On islamophobia and antisemitism. *Verso blog*, 16 de agosto de 2016. <https://www.versobooks.com/blogs/news/2805-enzo-traverso-on-islamophobia-and-antisemitism>

TRAVERSO, Enzo – *Gaza Faces History*. Nova Iorque: Other Press, 2023.

UNITED NATIONS OFFICE FOR THE COORDINATION OF HUMANITARIAN AFFAIRS (OCHA) – Humanitarian Situation Update #182 Gaza Strip. *OCHA*, 24 de junho de 2024. Disponível em <https://www.ochaopt.org/content/humanitarian-situation-update-182-gaza-strip>

UNITED NATIONS OFFICE FOR THE COORDINATION OF HUMANITARIAN AFFAIRS (OCHA) – *Data on Casualties* [Database]. [Acesso em 10 jul. 2024]. Disponível em <https://www.ochaopt.org/data/casualties>